

## **QUANDO O NASCIMENTO VIRA DESPEDIDA: ASPECTOS EMOCIONAIS DO LUTO PERINATAL NO AMBIENTE HOSPITALAR**

STORCHIO, Aline Vitória  
CASTRO, Gabriela Sauer de  
MOREIRA, Júlia Gabrielly Geremia  
MATIOLI, Aryane Leinne Oliveira

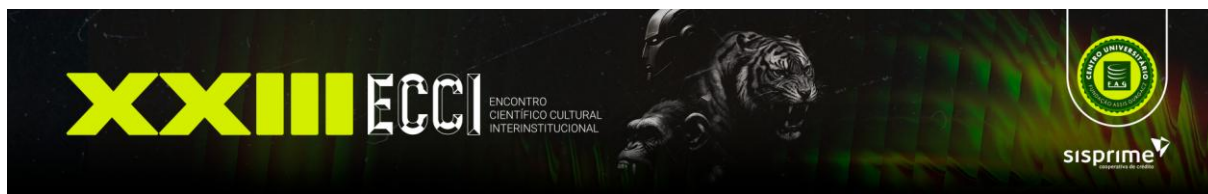
**RESUMO:** O artigo aborda sobre o luto perinatal e seus aspectos emocionais. Assim, o objetivo geral deste estudo relaciona o processo de luto e as especificidades do luto perinatal com a atuação da psicologia na elaboração da perda. Diante desse cenário, os objetivos específicos foram descrever o processo de luto perinatal, bem como explicar o porquê é considerado uma dor invisível, e ainda discutir sobre a atuação do psicólogo hospitalar frente a essa situação e o que pode ser feito para ajudar na elaboração da perda. Com isso, o presente estudo fundamenta-se a partir de uma revisão bibliográfica, utilizando revistas científicas, livros e artigos que discorrem sobre o tema e se relacionam com os objetivos desta pesquisa. Portanto conclui-se que o cuidado psicológico nesse contexto é essencial para proporcionar um ambiente hospitalar mais humano e acolhedor. E a presença do psicólogo hospitalar é fundamental para validar o sofrimento das famílias enlutadas, proporcionando um suporte emocional qualificado

**Palavra-chave:** Psicologia; Luto; Luto perinatal; Aspectos emocionais; Psicologia hospitalar.

### **1. INTRODUÇÃO**

O nascimento que frequentemente é associado à celebração da vida, pode em alguns contextos se tornar um momento de dor e despedida. O luto perinatal, que envolve a perda de um bebê ainda na gestação, no parto ou logo após o nascimento, é um momento emocional intenso, que muitas vezes é negligenciado. De acordo com Iaconelli (2007) o luto por um bebê recém nascido é difícil colocar em palavras e muitas vezes é incompreendido. Sendo uma perda que pode não ser validada socialmente e dificultar a elaboração do luto e acolhimento do sofrimento psíquico.

A psicologia entende que para aliviar a dor emocional de uma perda, é preciso que a pessoa expresse o que aconteceu, sinta a dor, reflita e assim elaborar o luto, sem negar o que está vivendo (GESTEIRA et al., 2006). Neste contexto, a atuação do psicólogo hospitalar é essencial. O profissional contribui significativamente para a humanização do cuidado, através da escuta qualificada, do apoio emocional. Carvalho e Meyer (2007) dizem que a psicologia tem um papel importante em situações difíceis, como a perda de um bebê. Ela ajuda a quebrar o silêncio que muitas vezes existe sobre a morte, reconhecendo que os pais que passam por isso



estão muito fragilizados. A psicologia deve apoiar esses pais e familiares para que consigam entender e lidar com o que aconteceu, e, com o tempo, consigam falar sobre isso e aceitar a perda.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo discutir e compreender melhor o contexto do luto perinatal e suas etapas no ambiente hospitalar, e a atuação do psicólogo hospitalar e os melhores recursos para passar por esse processo.

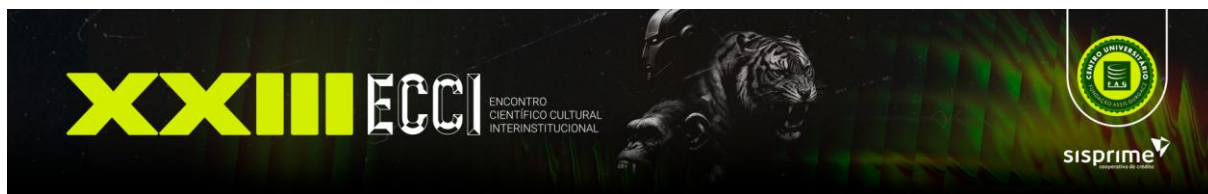
## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Luto perinatal e suas especificidades**

A definição do período perinatal foi estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1967, sendo delimitada a partir da 28ª semana de gestação ou em casos de recém-nascidos com peso superior a 1.000g, estendendo-se até o sétimo dia de vida. Nesse intervalo de tempo, a perda de um bebê impacta diretamente na forma como o luto é vivenciado, pois tal perda pode ocasionar profundas consequências para toda a estrutura familiar. Isso ocorre especialmente porque são investidos desejos, sonhos, planejamentos e expectativas em torno da vida futura da criança. A frustração dessas projeções pode desencadear sentimentos como insegurança, tristeza, raiva, entre outros (SANTANA, 2022).

Cabe ressaltar que o sofrimento provocado pela perda de um filho não se restringe ao pós-nascimento, visto que esse evento pode ocorrer ainda no útero materno. Além disso, em casos de gestações com prognóstico desfavorável, os pais podem iniciar com antecedência o processo de luto pela perda da idealização de um filho saudável. Conforme aponta Santana (2022) em seu artigo, pais de bebês prematuros ou portadores de doenças enfrentam grandes dificuldades psíquicas para adaptar-se à realidade de um filho diferente daquele que fora idealizado mentalmente.

Ainda que se tente suavizar a dor emocional envolvida, é visível que a conexão entre mãe e filho possui um caráter simbiótico, uma vez que o bebê está inserido no corpo da mulher, sendo nutrido por ela e experimentando sensações únicas proporcionadas por essa relação. Por isso, ao ocorrer a perda, não existe um mecanismo automático que desative o papel materno daquela que se preparou física e emocionalmente durante semanas ou meses para exercer a maternidade. Quando esse papel não se concretiza, instaura-se um sentimento de vazio, uma



ausência que, inicialmente, a mulher tende a querer preencher, sem necessariamente ter elaborado o processo de luto (MUZA et al., 2013).

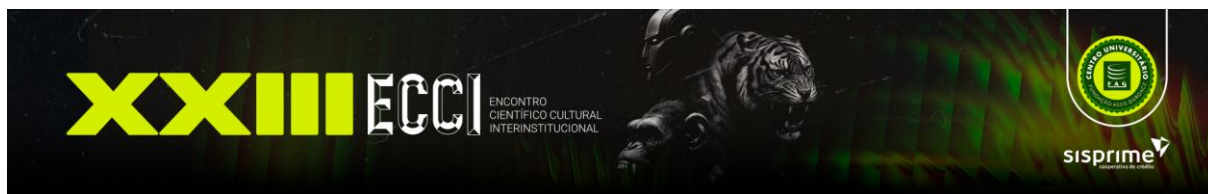
Verifica-se também que a dificuldade em lidar com a morte de um filho que sequer chegou a nascer é frequentemente agravada pela ausência de suporte social. Iaconelli (2007) observa que, no caso do luto perinatal, nem sempre os pais têm seu desejo respeitado quanto à realização de rituais de despedida, comuns em outras situações de perda por morte. Quando tais rituais ocorrem, muitas vezes são acompanhados de constrangimento. Essa diferença de abordagem reflete uma dificuldade social em reconhecer a morte de um bebê — seja antes ou após o parto — como a morte de um filho. Mesmo nos casos em que os rituais são realizados, como no luto pós-termo, os pais frequentemente ouvem comentários insinuando que seus filhos podem ser facilmente substituídos, além de sofrerem pressão para superar rapidamente o luto. Essa ausência de reconhecimento do lugar simbólico do filho na vida psíquica dos pais compromete as condições mínimas para a vivência saudável do luto.

Outro ponto a ser considerado é o momento de despedida do bebê, que é fundamental para que os pais possam reconhecer e validar a perda do filho. Existem diferentes formas de dar sentido a essa experiência e acolher o sofrimento dos enlutados, como nomear a criança, decidir se desejam ou não vê-la mesmo após sua morte e reunir lembranças possíveis desse breve vínculo (LAGUNA, 2021).

Portanto, para que a dor psíquica da perda possa ser atenuada, é essencial que ela seja expressa, sentida, compreendida e elaborada. Negá-la apenas prolonga o sofrimento. Outro elemento que favorece a elaboração do luto são os rituais funerários, os quais proporcionam um espaço para a aceitação da realidade da morte. O velório, por exemplo, permite que a despedida aconteça e que os enlutados sejam reconhecidos em sua dor (MUZA et al., 2013).

## **2.2 A vivência da perda no contexto hospitalar**

Falar sobre a morte eventualmente já desperta dúvidas e muitas emoções. Embora seja um processo natural e inevitável, pode ser doloroso, de difícil aceitação e surgir muitas emoções e significados perante ao ocorrido. De acordo com Kovács (1992), vivenciar a morte não se limita ao falecimento de outrem, mas também quando se reconhece a própria finitude, é comum perceber que o medo da perda é muitas vezes maior do que o da morte, pois é através



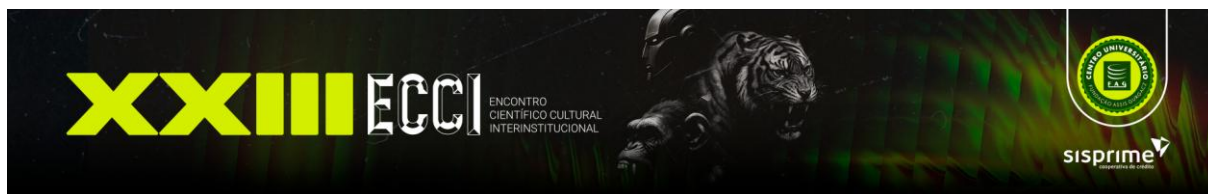
do sentimento de perda que se vivencia o luto, e que trás diversos sentimentos e emoções, como medo, saudade, tristeza.

Dentro do contexto hospitalar, a rotina dos profissionais de saúde é marcada por situações com a morte. Um dos momentos mais delicados na prática dos profissionais é a comunicação de más notícias (CUNHA, 2019), que exige mais do que só transmitir informações, exige empatia, cuidado e humanidade. Dessa maneira, é essencial que os profissionais estejam aptos e preparados para lidar com essa situação de maneira assertiva, pois é um momento delicado na vida de quem vivencia esse processo. As palavras utilizadas nesses momentos de fragilidade podem ter um impacto emocional profundo, influenciando diretamente a forma como os familiares irão enfrentar o luto (DOS SANTOS et al., 2024). Quando conduzida com empatia, a comunicação oferece não apenas uma explicação, mas também um espaço de acolhimento, onde a dor pode ser compartilhada e o luto pode começar a ser elaborado (CORDEIRO, 2022).

Como mencionado, passar por uma perda pode ser marcado por diversas emoções, é comum que no início as reações sejam mais marcantes. Os familiares podem entrar em estado de choque, o cérebro, tentando se proteger, pode negar a realidade e criar sentimentos confusos e suspensão do tempo (DE SOUZA e OLIVEIRA, 2021; LEITE, SANTANA e LATORRACA, 2023). Como cada sujeito é único e subjetivo, as reações também são diferentes, alguns podem chorar, se desesperar, outros ficarem longos períodos em silêncio, com uma possível tentativa de se mostrarem fortes para quem os cerca (TONELLO, 2019). A culpa pode se fazer presente dentro desse processo, familiares se perguntam onde erraram e o que poderiam ter feito diferente, por mais que não sejam responsáveis, pode ser doloroso e persistente (MACIEL, 2024; TOURNIER, 2023). Assim, fica evidente como é um momento delicado, o que enfatiza a necessidade de manter um ambiente seguro e acolhedor para quem recebe a notícia, onde a saúde mental é cuidada perante a um momento tão delicado na vida dos indivíduos.

Dizer adeus pode ser um dos momentos mais desafiadores da vida, ainda mais com recém nascidos, onde foram depositadas expectativas, sonhos, planejamentos. A frustração dessas projeções pode desencadear sentimentos como insegurança, tristeza, raiva e outras emoções (SANTANA, 2022). Assim, é necessário analisar como passar por esse processo de maneira mais acolhedora possível.

Há um estudo de Lisboa (2008), que mostra como o ritual de despedida desempenha um papel importante para os familiares. Segundo o autor, para que esse momento seja significativo,



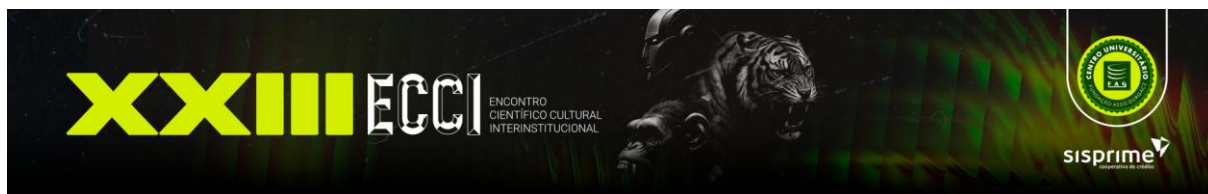
é necessário que os familiares estejam conscientes da gravidade da situação e iniciem o processo de aceitação — conhecido como luto antecipatório. O estudo aborda a importância terapêutica da despedida aos familiares. Liberar a culpa, proporcionar conforto e aceitação pode tornar esse processo difícil, um pouco mais leve. Diversas maneiras de se despedir são utilizadas, a comunicação pode ser terapêutica, agradecer, expressar o amor em palavras pode acalmar esse processo. Junto disso, a comunicação não verbal pode ser tão importante quanto palavras, o carinho, amor, cuidado nesse momento, pode ser acolhedor. Gestos simples como abraçar e segurar a mão, estar presente, carregam grande valor. A espiritualidade é outro caminho que pode ser um elemento central na despedida, sendo um consolo, esperança, e conexão com algo muito maior que o ser humano.

### **2.3 A atuação do psicólogo hospitalar**

No ano de 2000, a Psicologia Hospitalar passou a ser reconhecida e regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) por meio da Resolução 014/2000. A atuação do psicólogo hospitalar foi regulamentada como uma especialidade, com atuação nas instituições de saúde na prestação de serviços nos pontos secundários da atenção à saúde, e também em instituições de ensino superior e centros de estudo e pesquisa.

O papel da psicologia dentro do contexto hospitalar tem como principal objetivo realizar atendimento e acolhimento com foco no paciente, familiares e equipe hospitalar, visando ao bem-estar físico e psíquico. A vivência dentro do ambiente hospitalar muitas vezes pode caminhar entre a vida e a morte. Nesse sentido, o psicólogo pode auxiliar no processo de adaptação, organização e enfrentamento do momento que o paciente e os familiares estão vivenciando durante a hospitalização, podendo promover mais saúde e qualidade de vida (CAMARGO, 2021).

No contexto da perda perinatal, o psicólogo focará na forma individual com que cada pessoa lida com o luto e a perda. Essa intervenção frequentemente se dará com a mãe, os pais de maneira geral ou com outros familiares próximos, já que a perda gestacional ou neonatal está, na maioria dos casos, relacionada ao fim de um sonho ou à interrupção de uma etapa importante. Nesse sentido, é necessário que o serviço oferecido para a mãe ou pai seja humanizado, garantindo um ambiente confortável e com privacidade. (CAMARGO, 2021)

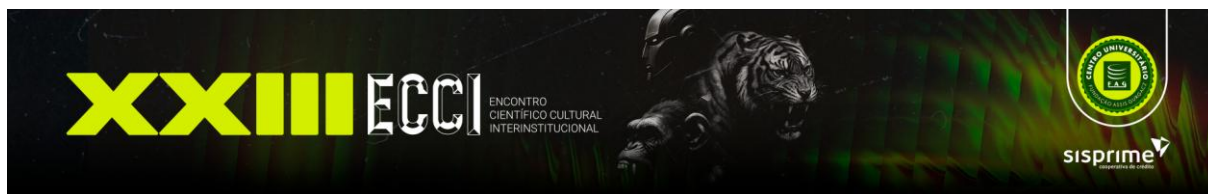


Diante desse contexto, é preciso identificar se os pais já passaram por alguma outra perda, como está sendo para lidar com esse sofrimento e qual a vivência do luto no momento. Também deve ser identificado como foi o processo da gestação: se houve intercorrências, se havia desejo pelo bebê e a relação entre os pais, sendo estes pontos muito importantes de investigação. Nesse momento, validar os sentimentos de tristeza, culpa, raiva ou desamparo permite que os pais não passem por um processo de luto não vivenciado (CAMARGO, 2021).

O sentimento de perda que os pais — mais especificamente a mãe — sente é diferente da forma como outros familiares vivenciam, pois a mãe carregou e sentiu seu filho em seu corpo durante um período de tempo, mesmo que esse bebê não estivesse visível, a mãe o sentia. Durante essa vivência de dor e sofrimento, a psicologia fornece um espaço seguro e acolhedor, onde os pais se sintam respeitados e validados em suas emoções. A escuta profissional permite a elaboração do luto e a resignificação da morte, sem que alguém imponha palavras que apenas prejudicam, como “você são novos, poderão ter outros filhos” (ANTOCHEVICZ et al.2023).

A perda gestacional pode estar acompanhada de problemas conjugais. Sendo assim, o casal necessita manter um diálogo claro e frequente, para que tenham uma relação mais segura e fortalecida. Se um compreender o outro, terão mais segurança para compartilhar sobre a dor que ambos estão vivenciando. Portanto, o psicólogo deve auxiliar no enfrentamento, facilitando a rede de apoio entre o casal e a comunicação entre eles, sendo um facilitador da expressão de sentimentos dos pais em relação a esse acontecimento (BARBOSA, 2022).

É de extrema importância, dentro dos papéis do psicólogo hospitalar — especificamente no luto perinatal —, realizar uma sensibilização da equipe, para que tenham a visão de que cada bebê traz consigo uma subjetividade e um significado que vai além da sua história dentro do hospital. No caso da perda perinatal, essa sensibilização torna-se ainda mais necessária, pois, mesmo diante de uma vida breve ou de uma gestação interrompida, há todo um investimento emocional dos pais que precisa ser reconhecido. O psicólogo deve também auxiliar na comunicação da equipe com os pais, para que possam responder às questões que surgem ao longo da internação de maneira mais humanizada e respeitosa, considerando a dor e a singularidade do luto vivenciado por cada família (CAMARGO, 2021). Por isso, todos os profissionais têm a responsabilidade de oferecer um atendimento acolhedor e humanizado, reconhecendo com empatia que cada pessoa vive a perda gestacional de um jeito único (BARBOSA, 2022).



Nesse momento, o psicólogo pode ajudar a lidar com a ansiedade e a angústia causadas pela perda gestacional, observando como a pessoa está emocionalmente e quais apoios ela tem ao seu redor. Também é importante entender se ela consegue reconhecer o que está acontecendo e se consegue falar sobre isso. O psicólogo oferece uma escuta atenta e sem julgamentos, acolhendo as dores e preocupações da pessoa. Com isso, é possível realizar um trabalho conjunto com outros profissionais da equipe, garantindo que a pessoa receba o cuidado e a atenção que precisa (BARBOSA, 2022).

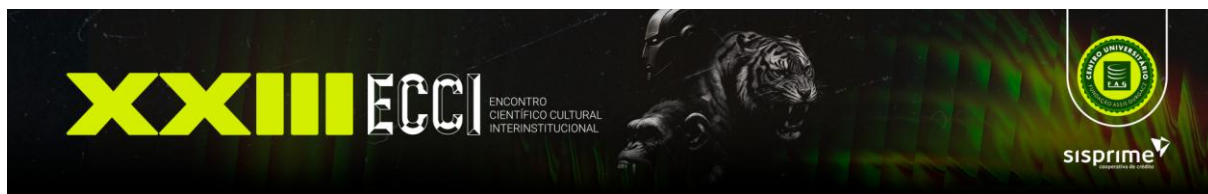
### 3. METODOLOGIA

Esse trabalho compreende-se como uma pesquisa bibliográfica, segundo Curty *et al.* (2005), seria revisar referências teóricas, literaturas e documentos disponíveis acerca do tema deste artigo. Assim, foi demarcado como tema de pesquisa o luto perinatal e o papel do psicólogo no manejo da perda, assunto este que foi observado durante o estágio institucional pelas pesquisadoras e sob supervisão da professora orientadora.

A divisão deste artigo tem como finalidade obter conhecimentos sobre o processo de luto, mais especificamente do luto perinatal, que está largamente relacionado ao contexto hospitalar e à maternidade, onde as pessoas ao redor (paciente, família e equipe) vivenciam a experiência do luto pelo contexto em que estão inseridos. Além disso, o presente estudo também busca gerar discussões e incentivar novos estudos acerca do tema.

### 4. ANÁLISE E DISCUSSÕES

Começando a discussão sobre o luto perinatal, segundo Muza *et al.*, (2013), é comum que a experiência do luto perinatal desestabilize a compreensão do papel feminino, frequentemente acompanhado por sensações de rejeição, inadequação e um intenso sentimento de falência. Essa vivência se torna um golpe para a autoestima da mulher, afetando sua percepção da capacidade materna e até mesmo sua feminilidade. A ideia da “criança que morre” carrega consigo a simbologia de uma “mãe que também morre”, pois a construção da identidade materna, que se dá gradualmente ao longo da gestação, é abruptamente interrompida. Dessa forma, a impossibilidade de levar a gestação até o nascimento do próprio filho provoca emoções de fracasso, impotência e inferioridade.



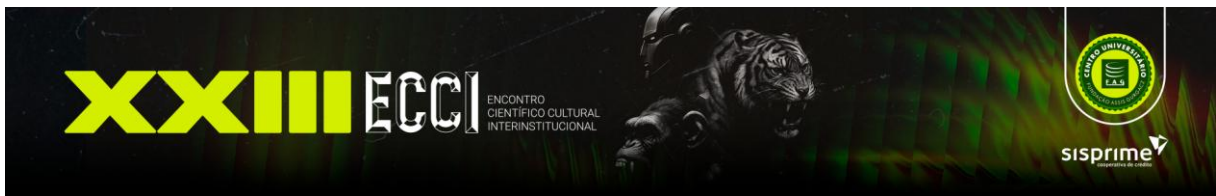
Diante dessa experiência, é comum que a mulher sinta necessidade de entender os motivos da perda, surgindo então sentimentos de culpa, raiva e negação. Ao não conseguir compreender a causa, muitas vezes a mãe passa a acreditar que existe algo de errado com ela e busca alternativas para "se corrigir". No entanto, se o luto não for devidamente elaborado, essa negação poderá desencadear, a longo prazo, manifestações psíquicas significativas (KÜBLER-ROSS, 1996 *apud* SANTANA, 2022)

Santos (2022) também enfatiza que o luto pela morte de um recém-nascido carrega consigo uma dimensão de incomunicabilidade, sendo muitas vezes recebido com olhares de incompreensão. A perda de um filho quebra a lógica cronológica das perdas esperadas — como a morte dos pais ou de pessoas mais velhas —, deixando os pais sem referências temporais e mergulhados em um profundo estado de desamparo. Essa dor é difícil de ser simbolizada, pois não é reconhecida socialmente e, muitas vezes, é invalidada pelo outro. Diante disso, os pais ficam duplamente desamparados: pela ausência do filho e pela incompreensão dos adultos à sua volta.

Nesse contexto, é recorrente a negação do sofrimento dos pais, o que contribui para o silenciamento da dor e impede a simbolização da perda. Atualmente, muitos indivíduos enlutados são incentivados a abandonar precocemente o processo do luto, especialmente nos casos de perdas perinatais. Segundo Iaconelli (2007), essa postura pode gerar dois desdobramentos principais: o luto passa a ser vivido de forma solitária ou é interrompido antes de ser concluído, o que pode acarretar danos importantes ao funcionamento psíquico do indivíduo.

Franklin (1997) afirma que as pessoas que reprimem seus sentimentos de luto, ou que têm tendência à depressão e à ansiedade, podem desenvolver reações agudas em estágios posteriores da vida, devido ao luto não resolvido. Dessa maneira, o sofrimento emocional que acontece na perda de alguém, é marcado por diversas emoções, de acordo com D'Assumpção (2010), o sofrimento emocional é marcado por um ciclo de raiva, ansiedade, depressão e apego. A rotina, sua vida, horários e o cotidiano mudam, sonhos e expectativas são interrompidos e a dificuldade em viver a vida se faz presente. Assim, se enfatiza a importância de uma comunicação assertiva dos profissionais de saúde e uma despedida que acolha a dor e angústias do paciente nesse processo.

Assim, torna-se evidente a importância de uma abordagem que contemple não apenas o paciente, mas também sua família ampliada, oferecendo-lhe a oportunidade de estar presente,



ser ouvida e participar ativamente do cuidado. Esse acolhimento favorece o processo de despedida e reconhece a relevância da família no contexto do cuidado intensivo neonatal (SANTOS et al., 2021).

Frente a um cenário doloroso do luto perinatal, o psicólogo hospitalar desempenha um papel importantíssimo, pois tem como função acolher e validar o sentimento da mãe e dos familiares, possibilitando que as pessoas que estão passando por esse processo tenham um espaço de apoio, escuta e apoio emocional (REIS e ALVES, 2023). O profissional realiza intervenções como o acompanhamento imediato da perda, auxiliar na tomada de decisões necessárias no momento, a comunicação da equipe com a família, os rituais de despedida e possíveis encaminhamentos para acompanhamento psicológico.

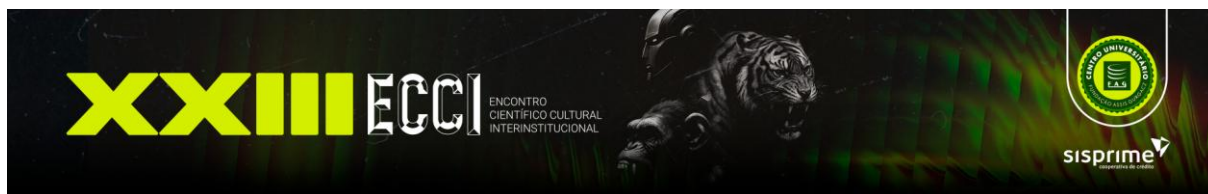
Assim é possível entender qual é o nível de importância do profissional da psicologia nos hospitais, especificamente diante do luto perinatal, para que a mulher, os familiares e equipe recebam o cuidado com a saúde mental, diante de um episódio de fragilidade e sofrimento, tendo um olhar de cuidado integral para esses indivíduos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Reconhecer a importância do cuidado psicológico no contexto de luto perinatal é um passo essencial para transformar o cenário hospitalar em um espaço de acolhimento e respeito à singularidade do sofrimento vivenciado. É fundamental que o luto perinatal seja reconhecido e acolhido como uma vivência legítima e profundamente dolorosa. A escuta sensível e presença do psicólogo no ambiente hospitalar são essenciais para oferecer suporte emocional às famílias enlutadas. Além disso, é urgente a criação de mais espaços de formação e sensibilização nas instituições de saúde, para que profissionais estejam preparados para lidar com essa realidade com empatia e cuidado.

Portanto, espera-se que a presença do psicólogo hospitalar seja cada vez mais incorporada nos hospitais, garantindo auxílio integral às famílias que enfrentam o processo doloroso do nascimento que se torna despedimento. A valorização da saúde mental como parte do cuidado precisa ser ampliada, com práticas humanizadas que priorizem o respeito, vínculo e reconhecimento do sofrimento frente à perda gestacional.

## **6. REFERÊNCIAS**



ANTOCHEVICZ, Mariana Dalcárobo; SILVA, Rosanna Rita; SILVA, Angela Moraes da. Finitude no início da vida: atuação da Psicologia na UTI Neonatal. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2023.e5261>. Acesso em: 07 de Maio de 2025.

ARIA, Simony de Sousa; FIGUEREIDO, Jowilma de Sousa. **Aspectos emocionais do luto e da morte em profissionais da equipe de saúde no contexto hospitalar**. *Psicologia Hospitalar*, v. 15, n. 1, p. 44–66, 2017.

BARBOSA, Brunna Vieira. **Perda gestacional e a atuação do psicólogo hospitalar**: relato de experiência. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Psicologia, Paraíba, 2022. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/30807/TCC%20-%20Brunna%20Vieira%20Barbosa?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 08 de Maio de 2025.

CAMARGO, Bruna da Mota. **Atuação da psicologia hospitalar diante da ocorrência de morte perinatal**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/25989/19561> . Acesso em: 07 de Maio de 2025.

IACONELLI, V. Luto Insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, 10(4) 614-623, 2007.

LAGUNA, Thalyta Freitas dos Santos et al. O luto perinatal e neonatal e a atuação da psicologia nesse contexto. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e5210615347, 2021.

LISBOA, Márcia Lucrecia; CREPALDI, Maria Aparecida. **Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado**. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 25, p. 97-109, 2003.

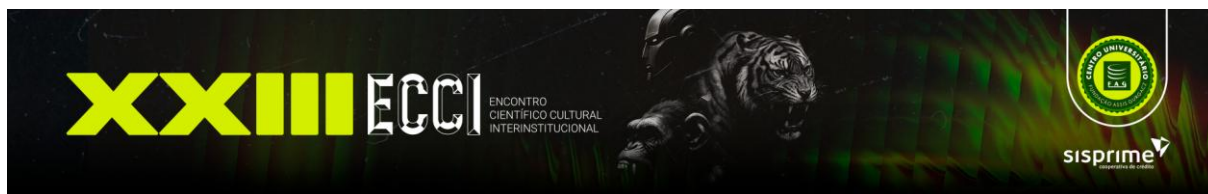
MUZA, Júlia Costa et al. Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 34-48, 2013.

REIS, L. T. C.; ALVES, L. S. **Papel do psicólogo hospitalar no cuidado da mulher em processo de luto perinatal**. *ResearchGate*, 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/363842474>. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

SANTANA, Samara Dantas Figueredo; DE AGUIAR BRITO, Nayana Brunio. O luto perinatal invisível na Perspectiva da mulher: contribuições da psicologia. **Facit Business and Technology Journal**, v. 2, n. 36, 2022.

SANTOS, Luana Lorrany de Vasconcelos et al. Papel do psicólogo hospitalar no cuidado da mulher em processo de luto perinatal. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, p. e553111234819, 2022.

SANTOS, Isabella Peixoto dos et al. **Educação para a morte: o papel do profissional de saúde na comunicação de más notícias aos familiares de pacientes**. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 5, n. 3, p. 05-43, 2023.



CURTY, Marlene Gonçalves; BOCCATO, Vera Regina Casari. O artigo científico como forma de comunicação do conhecimento na área de Ciência da Informação. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 10, n. 1, 2005.